



A EXPRESSÃO GEOSSIMBÓLICA DO JARDIM SÃO BENEDITO – CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ: UM OLHAR SOBRE AS MICROTERRITORIALIDADES DE UMA PRAÇA

C. R. R. Werneck¹, J. C. M. Souza¹, P. S. Cruz¹, T. D. Tavares¹

¹Universidade Federal Fluminense

RESUMO

O presente artigo é produto de uma pesquisa realizada durante a disciplina Práticas de Pesquisa I, ministrada pela Professora Dr^a Érika Moreira, no curso de Bacharelado em Geografia, da Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes. Temos como principal objetivo, identificar as microterritorialidades a partir dos usos do território do Jardim São Benedito em Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro. Buscamos construir uma análise das formas de apropriação do espaço geográfico e das microterritorialidades existentes no Jardim a partir das interações sociais. Assim como, buscamos entender quais e como essas diferentes interações, constituem-se enquanto geossímbolos, espacialmente territorializados.

Palavras chave: Jardim São Benedito, Microterritorialidades, Geossímbolo.

ABSTRACT

This article is the product of a research carried out during the course of Research Practices I, taught by Professor Érika Moreira, in the course of Bachelor of Geography, Federal University of Fluminense / Campos dos Goytacazes. We have as main objective, to identify the microterritorialities from the uses of the territory of Jardim São Benedito in Campos dos Goytacazes, state of Rio de Janeiro. We seek to construct an analysis of the forms of appropriation of the geographic space and the microterritorialities existing in the Garden from the social interactions. Just as we seek to understand what and how these different interactions constitute themselves as geosymbols, spatially territorialized.

Key words: Jardim São Benedito, Microterritorialities, Geosymbols.

1. Introdução

Reconhecemos que um determinado espaço delimitado geograficamente é produzido e apropriado a partir de diferentes relações sociais. Partimos desta premissa, para a escolha de nosso recorte, a Praça Nilo Peçanha, conhecida popularmente como Jardim São Benedito, localizado no município de Campos dos Goytacazes na Região Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Temos como objetivo geral, identificar as microterritorialidades presentes neste espaço. O conceito de Território é chave central para nosso trabalho, pois é nele e a partir dele que se desenvolvem as distintas microterritorialidades, caracterizadas como as relações que ocorrem entre os sujeitos e o território em que vivem e despertam sentimentos de ligações identitárias e simbólicas. De acordo com leitura de Marcelo Lopes de Souza (2013), o espaço social é multifacetado, sendo o território uma de suas facetas. Em um primeiro momento, o

autor vê o território como um espaço concebido por e a partir de relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial, no entanto, como o mesmo salienta, esta abordagem é insuficiente. Portanto neste trabalho, procuramos trazer o território sob uma outra ótica, pois reconhecemos que ele pode ser concebido de diversas formas, e que a noção acerca de seu significado passou por mudanças .

Segundo Milton Santos (2005) há o retorno de um território, desta vez voltado para outros interesses, não somente políticos e econômicos, mas sim sociais, que seria o território usado, dotado de objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado , e entendido como “abrigo de todos os homens, todas as instituições e de todas as organizações”. Nossa percepção acerca de seu entendimento, ultrapassa a de compreendê-lo somente como sendo uma porção geográfica definida a fim de servir como base das ações políticas estatais. Partiremos de sua compreensão cedida pela Geografia Cultural, que segundo Haesbaert (1999), aparece como sendo um espaço vivido, portador de simbologias e identidades, dotado de interações sociais distintas que criam as microterritorialidades. Conforme colocado pelo autor, acreditamos que:

Identificar, no âmbito humano-social, é sempre identificar-se, um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se com, ou seja, é sempre um processo relacional, dialógico, inserido numa relação social. Além disso, não encaramos a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de uma identificação em curso, e, por estar sempre em processo/relação, ela nunca é uma, mas múltipla (HAESBAERT, 1999, p. 176).

Para Souza (2013), os territórios são no fundo “antes relações sociais projetadas no espaço do que espaços concretos”, onde o poder aparece como uma das dimensões das relações sociais, sendo o território uma expressão disso, ou seja, uma relação social tomada espaço. Sabemos que o território ao mesmo tempo em que reflete estas relações, é reflexo das mesmas, sendo modificado pelas territorialidades distintas que são criadas pelos indivíduos a todo o momento. Nossa pesquisa justifica-se pela relação de identidade que os distintos atores estabelecem através do processo dialético com o território e que em nosso caso, são refletidas por meio da convivência dos grupos presentes no Jardim São Benedito. Compreendemos que a “territorialidade revela a identidade do lugar; ela é, ao mesmo tempo, o produto e expressão de um ponto de vista interno e inclusivo” (LE BOSSÉ, 2013, p. 228). Para que seja possível a identificação das microterritorialidades, nos baseamos teoricamente além do conceito de Território,

nos conceitos de identidade e Geossímbolo, este último ligado diretamente à fundamentação de nosso recorte.

O recorte do trabalho compreendeu uma análise realizada entre os meses de setembro e dezembro de 2016. No entanto, consideramos essencial uma análise do passado, para compreendermos como o território do Jardim São Benedito foi estabelecido, desta forma, recorreremos à Geografia Histórica, que atua como um caminho de reconstituição em várias escalas do processo de formação dos atuais territórios, como colocado por Moraes (2009). Reconhecemos que as relações dão-se a partir do convívio com outros elementos que constituem este território, e que são dotados de história e despertam sentimentos de identidade. Procuramos analisar como se deu o processo de constituição da Praça até o que conhecemos hoje como Jardim São Benedito, para que possamos compreender melhor como se dão as microterritorialidades no presente.

Segundo leitura de Julio Feydit (2004), o local que conhecemos hoje como Jardim São Benedito, era por volta de 1840, o então “Cercado do José de Meu Tio”, onde se reuniam as “pudicas famílias de campistas, - matronas circunspectas, de idades, pundonorosas, cavalheiros reverenciadores” para realizarem as famosas “convivencias” que ocorriam nos dias das anuais festas joaninas (p.132). Conforme Horacio Sousa (1985), em 1850, a Câmara decidiu que a praça deveria ser traçada na planta da cidade, e para isso, resolveu investir sem dispêndios no terreno necessário. Com a necessidade de se concluir a abertura da praça, em 1851, o então maior proprietário da área, o Barão de S. João da Barra, concordou em demolir seu prédio para a retificação do traçado da praça. Em 1858, o quadrilátero ficou pronto. Em 1864 as “convivencias” ainda eram realizadas, o que demonstra a ligação dos indivíduos com o Jardim, como sendo um local de sociabilidade. Em 6 de abril de 1904, foi realizada a mudança do nome, que até então, era Municipal, para “Praça Nilo Peçanha”, a praça fora ajardinada, tendo como centro a “Escola Wenceslau Braz”, a primeira escola ao ar livre com um ensino diferenciado. Ainda segundo Sousa (1985) a Praça Nilo Peçanha, tinha um nome oficial, que era “Municipal”, porém ficou popularmente conhecida como Jardim São Benedito, pois em 1865 começaram as construções da igreja de São Benedito, localizada nos arredores da praça, e conforme é apontado no texto, “o povo começou a dar-lhe o nome do Santo siciliano, por uma forte manifestação de sentimento religioso” (p.132). Este trecho é um exemplo do que tentamos demonstrar com este trabalho, a relação de

sentimento e simbolismo que as pessoas exercem com determinado território. Dentre os elementos presentes no Jardim, ainda temos a Academia Campista de Letras, criada em 1939, porém tendo sido instalada em sua nova sede no centro da Praça Nilo Peçanha, no dia 15 de maio de 1954.

Como pode ser constatado, o Jardim corresponde a um Patrimônio Cultural do município, e desde os primórdios, atua como um espaço público e de convívio entre os grupos. Frequentado por diferentes indivíduos, tendo por vezes seu sentido refuncionalizado para atender. Como bem aponta Haesbaert (1999, p. 179), “para entendermos a identidade social e a mediação do espaço na construção da identidade territorial, é muito importante discutirmos a noção de símbolo”. Ainda segundo este autor:

Uma das bases que pode dar mais consistência e eficácia ao poder simbólico da identidade são os referenciais concretos que ela utiliza para ser construída. O deslocamento de sentido nunca pode ser total, e o símbolo necessita sempre de algum referente concreto para se realizar. Esse referente pode ser, por exemplo, um recorte ou uma característica espacial, geográfica, e, neste caso, podemos ter a construção de uma identidade pelo/com o território (HAESBAERT, 1999, p. 179).

Mello (apud ARROYO, 2016, p.3) cita que “quando escreve sobre os símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”, afirma que os lugares e símbolos adquirem um significado profundo e indelével através dos laços emocionais”. Arroyo (2016, p. 3) coloca que “os simbolismos materiais que demarcam os espaços e constroem os territórios podem ser chamados de geossímbolos”, portanto, o Jardim por si só, na concepção de Joel Bonnemaïson é considerada um geossímbolo, juntamente composta de seus elementos como os monumentos e outras construções nela presentes, podendo ter um significado para determinados grupos e/ou um significado particular para cada sujeito. Bonnemaïson (apud CÔRREA, 2012 p.99-109) aborda que “o geossímbolo pode ser um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalecem em sua identidade”. Em partida, Corrêa (2006) salienta que geossímbolo pode ser tanto material, quanto imaterial. Dessa forma, os símbolos encontrados no Jardim São Benedito como, a Igreja de São Benedito, a Academia de Letras Campistas, os Coretos, dentre outros monumentos, contribuem para o fortalecimento das relações de identidade e simbólica no e pelo território.

2. Objetivos e Metodologia

Como já levantado, este trabalho teve como principal objetivo, identificar as microterritorialidades a partir do uso do território do Jardim pelos indivíduos. Nossa pesquisa foi dividida em três etapas correspondentes aos objetivos específicos.

Primeiramente, a identificação das diferentes interações sociais e suas respectivas microterritorialidades; Por conseguinte, o entendimento de como essas microterritorialidades são estabelecidas e que tipos de usos aquele território possui; e por fim a análise do modo de como estes sujeitos concebem o território e como criam suas identidades e desenvolvem suas representações a partir de suas relações. Para que esses objetivos fossem atingidos, realizamos como metodologia, observações sistemáticas entre os meses de outubro e novembro de 2016 entre os dias 22/11/2016 a 01/12/2016, com o intuito de entender como ocorre a dinâmica do Jardim e quem são os indivíduos frequentadores. Aplicamos 49 questionários e uma entrevista, com um trabalhador local que exerce atividade de pipoqueiro e é vendedor de brinquedos no Jardim há 45 anos. Com os resultados elaboramos tabelas, gráficos e representações, traduzidos aqui textualmente. Portanto, tomamos a pesquisa sob preceitos de cunho qualitativo, que segundo Raupp e Beuren¹(2003, p. 81) “infere-se do exposto que a pesquisa descritiva se configura como um estudo intermediário entre a pesquisa exploratória e a explicativa, ou seja, não é tão preliminar como a primeira e nem tão aprofundada como a segunda”.

3. Resultados

Esta representação gráfica em forma de croqui, possibilita a visualização do Jardim São Benedito, e busca revelar sua espacialidade integrada a cidade, bem como um esboço das microterritorialidades presentes.



¹RAUPP, F.M.; BEUREN, I.M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In. BEUREN, I.M. (Org.). Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2006. Cap.3, p.76-97.

Os dados coletados com os trabalhos de campo foram inicialmente sistematizados e depois manipulados com a finalidade de sintetizar a caracterização das possíveis microterritorialidades expressas no Jardim. A coleta de dados se deu pela aplicação de questionários semi-estruturados buscando entender a relação dos frequentadores com o território. O resultado se divide em dois blocos com características distintas sobre os dados coletados. O primeiro bloco de perguntas buscava entender o público frequentador do Jardim, a partir do seu gênero, faixa etária e frequência de utilização.

No primeiro bloco, foram entrevistadas 49 pessoas, sendo 26 homens e 23 mulheres. Com relação a faixa etária, os entrevistados tinham faixas etárias de 0 a 21 anos e 22 a 45 anos, ou seja, o maior uso é dado por crianças, jovens e adultos. Entender a frequência destes indivíduos no Jardim, permitiu identificar que coexistem dois grupos. O primeiro composto por frequentadores diários e outro por frequentadores esporádicos, expressando a multiplicidade de relações presentes no Jardim. No segundo bloco, buscamos entender como se dá a utilização do Jardim, a partir das práticas. Buscamos entender se as microterritorialidades se exercem por meio de atividades em grupo ou se por meio de atividades individuais. E ainda, saber o nível de satisfação dos usuários. Com relação à forma que se exercem as atividades, identificamos que 35 dos 49 entrevistados realizam atividades em grupo, e 14, atividades individuais. Quanto ao nível de satisfação, 30 dos 49 entrevistados demonstraram-se satisfeitos, e 19 demonstraram algum nível de insatisfação, apontando problemas ligados ao sucateamento da infraestrutura de alguns objetos, ausência de manutenção das quadras e falta de patrulhamento.

As diversas relações existentes, e as diferentes questões levantadas pelos frequentadores, possibilitaram entender de fato, quais são as microterritorialidades a partir das atividades exercidas territorialmente, seja individual ou coletivamente, expressando relações de uso, e sobretudo de um infrapoder que se expressa através do uso de parcelas do território por atores distintos, sobre algum período de tempo determinado. Nesta perspectiva, identificamos 15 atividades que constituem-se como microterritorialidades, são elas; Lazer, Comércio, Ócio, Musculação, Capoeira, Descanso, Sociabilidade, Basquete, Futebol, Futevôlei, Treinamento de Socorro (A.P.H), Patrulhamento, Corrida/Caminhada e Zumba. As atividades identificadas são exercidas através de relações imateriais e materiais no território, mediadas por um indivíduo, ou um coletivo, que se expressam através de práticas concretas, estabelecendo microterritorialidades. Estas se expressam em variados períodos de

tempo, e coexistem possibilitando a expressão do território. A diversidade de atividades realizadas possibilita a visualização dos usos deste território para práticas distintas, revelando que através delas, criam-se microterritorialidades, que envolvem não só relações de poder, mas também aspectos subjetivos e de identidade que envolvem os frequentadores do Jardim.

Considerações finais

No território do Jardim São Benedito, ocorrem inúmeras relações sociais que envolvem diferentes sujeitos e grupos que apropriam-se simbolicamente e fazem uso daquele território, criando desta forma, microterritorialidades. Cada indivíduo e grupo, age de forma distinta, logo, a apropriação do território dá-se de forma peculiar, podendo inclusive gerar conflitos, por conta das contradições internas inerentes a todo território. O que os une, seria a ligação identitária e simbólica estabelecida a partir de um território específico, e que são produzidas e reproduzidas a todo momento. Partindo da concepção de geossímbolo, podemos afirmar que o Jardim enquanto território, com todos seus elementos, sejam eles, materiais ou imateriais, e a partir das práticas estabelecidas pelas relações, atua como importante fortalecedor das identidades. As diferenças encontradas entre os sujeitos, contribui justamente para a concepção simbólica do território e torna relevante o estudo das microterritorialidades que ali se encontram.

Referências bibliográficas

ARROYO, K. **As espacialidades xiitas**: os geossímbolos na construção de uma identidade particular. Caderno de Geografia. v. 26, n. 45, 2016, p. 1-10.

BONNEMAISON, Jöel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto L.; CORRÊA, A. M. **O terreiro de candomblé**: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 51-62, 2006.

CORRÊA, R. L, ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia Cultural**: uma antologia. Vol. I. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 343p.

FEYDIT, Julio. **Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes**. Gráfica Luartson, São João da Barra, Reedição, 2004 [1900].

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERj, 1999.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões da identidade em geografia cultural – algumas percepções contemporâneas. In.: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato; (Orgs.). **Geografia Cultural: Uma antologia**, Vol. II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p.221-232.

ROSENDAHL, Zeni (Org.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012. p. 83-131.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EdUSP, 2005.

SOUSA, Horacio. **Cyclo Aureo - História do 1º Centenário de Campos: 1835-1935**. Damadá, Itaperuna, 2ªed. 1985 [1935].

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.